NEOLOGIA E NEOLOGISMO: DA MARGINALIDADE ÀS RUAS

Eloísa Clemente (FEUDUC)
eloisaclt@yahoo.com.br

> Como pertencer, sem dialogar com o mundo que nos cerca? Como dialogar, sem realizar a crítica ao nosso modo de pensar?...apenas o senso de futuro permite uma apreciação mais refinada do real *com o intuito de descortinar as possibilidades. Nossas dificuldades se instalam no largo caminho das mediações.* (NUNES, 2001)

A criação de novas formas lexicais ou acréscimo de novas acepções lexicais A formas já existentes na língua recebem o nome de neologia enquanto que as formas e acepções criadas ou absorvidas pelo seu léxico, neologismo. Essas tais permitem ao falante adotar a noção de instrumento de poder.

Acredita-se, que por se tratar de uma linguagem dotada de agressividade natural, as gírias marginalizadas correspondem ao melhor clima de agressão ás instituições militares e tradicionais, porém acabamos por reconhecer nelas um fenômeno vocabular, isto é, uma fonte muito importante de criatividade do léxico popular.

A estrutura vocabular neológica encontra nas gírias e no alfabeto fonado da Policia Militar as bases para conferir ao falante noção de instrumento de poder pelo fato de ser uma linguagem específica de um grupo social que a utiliza, até mesmo como forma de manutenção do conjunto a qual faz parte. Trata- se, de fato, de um mecanismo identitário que transcende a noção de código secreto.

A gíria e o alfabeto fonado da Policia Militar fogem à compreensão daqueles que não estão inseridos em grupos que dominam o uso desta prática oral. Além disso, identificam quem são os participantes desse mundo, garantindo a unidade da comunicação. Em outras palavras, as gírias e o alfabeto fonado distinguem quem é quem.

1. Código das celas: a linguagem que saiu do comando militar e da marginalidade para dominar as ruas e a mídia.

Noam Chomsky ressaltou, em suas pesquisas, a incrível capacidade que as crianças possuem, de compreender, uma gama de expressões orais inéditas a partir do momento em que observam a fala de seus pais e das pessoas que a rodeiam. Essa absorção da linguagem é manifestada de forma relaxada e espontânea, sendo uma habilidade amante do ser humano. (LEVI, 1981, p. 17-19).

Por estar em constante movimento, a língua confere ao falante, cotidianamente, a capacidade de formar novos termos, constatar que outros vocábulos deixam de ser usados com o passar do tempo, sendo possível a incorporação de novos significados ao léxico e, para que isso ocorra, a sociedade utiliza palavras típicas da língua falada, palavras típicas da língua escrita, palavras técnicas, palavras antigas e palavras novas.

O jargão carcerário, em especial, se origina quase sempre de palavras do cotidiano dos presidiários submetidas à necessidade de comunicação. Assim, havendo a necessidade, surge uma palavra nova ou reinvestida de significado. O uso das gírias carcerárias se deve também a necessidade de expressar simbolicamente sentidos variados como autoridade, repressão, indicação do crime cometido pelo detento, a identidade e o posto que o mesmo ocupa, e outras providências pertinentes e legalmente cabíveis.

Curiosamente, muitas vezes esse mesmo vocábulo, restrito a um meio especifico, perpassa as fronteiras da linguística e alcança o dia a dia das pessoas, incorporando-se a ele. Para isso, com frequência, recebe um “empurrãozinho” da mídia.

Ao avançar a esse nível ou contexto social, não quer dizer, contudo, que a gíria carcerária vai receber uma colocação de prestigio. Também não são raras as vezes em que a expressão marginal é ridicularizada ou empregada para destoar do contexto a que pertence e gerar efeito de humor. Um exemplo inesquecível da introdução de termos da linguagem policial e criminosa (universos que, naturalmente, trocam muitos termos entre si) é o jornal paulista *Noticias Populares*, responsável por inigualáveis manchetes como “Presunto cai na frente de pinguço” / “Espreme que sai sangue”. O jornal NP,

como também era conhecido, foi fechado em 2001 pelo grupo *Folha da Manhã*, mas revolucionou a linguagem jornalística no Brasil e inspirou outras mídias e outros jornais, como *o Diário do Litoral*, ou *Diarinho*, ainda na ativa em Santa Catarina. (SEGURA,2008:37). No Rio de Janeiro, *o jornal Meia Hora*[1].

2. Função do código das celas

Inicialmente, as gírias ligam-se às atividades marginais, de baixo prestígio, sendo, muitas vezes, escusas e sempre desvalorizadas pela norma culta. A maioria dos grupos sociais desenvolve termos ou expressões particulares ao seu universo, ou seja, eles especificam uma ideia a ser transmitida dentro de um conjunto e para um determinado grupo. Uma vez expandido o uso do vocábulo, o termo passa a ser utilizado e assimilado por todos como linguagem comum.

A linguagem do crime tem um único objetivo que é transmitir ao indivíduo temor, o poder de coerção e amostrar ao grupo quem detém a liderança autoritária. Por outro lado, o código de comunicação da polícia militar (alfabeto fonado) trata-se de um registro linguístico de variante padronizada, universalmente. O Estado fornece ao policial militar assistência pedagógica desde o ingresso na corporação até o fim de carreira.

A variante linguístico do padrão militar se distingue como quatro gêneros: o pedagógico, o acadêmico, o jurídico e legislativo, dos quais surgem exemplos como boletinista (quem organiza o quadro de atividades e serviços interno e externo = boletim diário), sargentiação (quem faz a liberação das partes burocrática), ala (dia de serviço), estafeta (serviço de oficeboy), abaixo transcreve (pular para outra linha do boletim), brochura (livro de oficio de expediente), dispositivo (entrar em forma imediatamente), sargentiante/ sargentiando (secretário), guarda / guarnição (policiais que estão em serviço).

Supomos, então, que o policial faz-se conhecer no uso da gíria, somente em casos de abordagem frente aos marginalizados, des-

[1] Cf. htpp://meiahora.terra.com.br/blog/planaopolicia

de que o objetivo seja a obtenção informações necessárias à sua pesquisa profissional.

Abaixo, temos alguns exemplos que evidenciam a riqueza linguística do léxico.

> Registro de uma atividade de ocorrência policial.
>
> TRO: Talão Registro de Ocorrência.
>
> Favela do Cangulo 15º BPM
>
> Histórico: Após a denúncia para delta informando na comunidade do Cângulo, havia vários elementos armados, após contato com a supervisão de graduados (compreende a patente de soldado a subtenente) procedeu ao local onde houve uma intensa troca de tiros com os meliantes (os marginalizados). Informa que foram gastos 15 munições de fuzil e 40 munições de pistola PT40 (tipo de arma utilizada no dia).

O sentido das palavras utilizadas por um determinado grupo poderá não ter o mesmo significado para outras pessoas. Cada enunciado é único, embora as palavras se repitam, elas ganham novos significados cada vez que reaparecem na comunicação. Observe através dos fragmentos da letra do *rap* "O Bagulho é Doido", as expressões utilizadas que nos permitem perceber este dinamismo da linguagem e a riqueza linguística deste código embora marginalizado.

> O Bagulho é Doido
> [Sem corte, liga a filmadora e desliga o holofote
> Se quer me ouvir permaneça no lugar
> Verdades e mentiras tenho muitas pra contar.
> Doideira, fogueira, cada noite pra aquecer o escuro da madrugada que envolve o meu viver.
> Não sou você. Também não sei se gostaria de ser, ficar trepado no muro se escondendo do furo.
> Vai me faltar orgulho
> Papo de futuro.
> É nóis que domina a cena, bagulho de cinema.
> A feira ta montada pode vir comprar.
> Eu vendo uma tragédia, cobro dos comédias
> Dezesseis é a média.
> Deus ta vendo, eu acredito.
> Sou detrito que tira sono do doutor, seria o Jason se fosse um filme de terror.
> Desembaça saia na fumaça, o bonde tá pesado e você ta achando graça.
> Tipo peste: ta no sudeste, ta no nordeste, no centro oeste.

> Teu pai te dá dinheiro, você vem e investe no futuro da não, compra pó...] (CASTELLIANO, 2009, p. 613)

3. Dinamicidade da língua

> Não basta a criação de neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É na linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. (ALVES, 1994, p. 84)

Como usuários da língua, temos a ideia de que a mesma é estática. Mas como estudiosos da língua sabemos que tudo conspira para convencer aos falantes da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam e a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem como falavam dez ou vinte anos atrás.

Martinet afirma que tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas, ou seja, a morfologia e o léxico, a ordem dos monemas nos enunciados, quer dizer, a sintaxe, a natureza e as condições de emprego das unidades distintivas, isto é a fonologia. Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento. (MARTINET, 1975, p. 177).

Essa visão de que a língua é estática ocorre por dois motivos. Um deles se deve ao fato de os elementos da língua estarem em sincronia, nas quais estudamos o conceito histórico, isto é, os métodos estruturalistas da língua, e levamos em conta o uso da linguagem e os fatores relacionados a ela num determinado tempo ou momento do estado linguístico, que pode ocorrer tanto no presente quanto no passado. O outro fato é chamado de diacronia, este dependerá da aceitação dos usuários da língua, isto é, da adoção das mudanças que ocorrem na gramática histórica dos vocábulos, ou seja, na semântica histórica e na historia do léxico. Nessa projeção de mudanças, evoluem os traços semânticos, os campos de significação de forma ou sentido, salientam- se lexemas, semantemas, até as variações conotativas e correlativas nas transposições estilísticas.

A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada momento ela é uma instituição atual e um produto do passado. (CARVALHO, 2003, p. 16).

É possível que a ideia de imobilidade da linguagem ocorra pelo fato da gíria surgir, geralmente, entre os jovens, os mendigos e indigentes. O vocábulo lexical perambula entre esses grupos até serem substituídos, extintos, ou incorporados à linguagem comum. Então, o termo é tomado como propriedade, toma lugar de destaque, de preferência, não raramente, em vez de outras palavras já consagradas.

É claro que a expansão desses termos para a linguagem comum depende da mídia, responsável por eleger as expressões que ultrapassarão fronteiras territoriais e se cristalizarão na linguagem de todas as pessoas como entidades neurolinguísticos e fenótipos sociolinguísticos. Nem todas as gírias, entretanto, alcançam o público comum, e isso as torna, em geral, pouco valorizadas e acabam por cair em desuso. A gíria do crime carrega o estigma de ser uma expressão particular, de um determinado grupo social tão marcante que seus próprios integrantes chegam negá-las quando estão em ambientes estranhos ao seu clã natural.

4. A comunicação social e a mídia

> A gíria depende muito mais de condições dentro das quais a mensagem é transmitida, de dados como a personalidade, as intenções e a situação do falante que a emprega do que o fato de pertencer a um grupo social determinado. (CF. François. Denize, p. 1968)

No Brasil, a insegurança publica tem sido destaque nos principais noticiários. Infelizmente, manchetes de violência estão incorporadas ao cotidiano da imprensa, constituindo lugar comum nas discussões nacionais. A violência urbana, o tráfico de drogas e a crescente sofisticação do crime organizado trazem efeitos danosos à organização social. E, no centro de tudo, está à instituição policial, exercendo o papel de mantedora da ordem pública e o controle social em todos os âmbitos da convivência humana.

A Polícia Militar possui em cada Batalhão uma área voltada para o policiamento das ruas através do sistema de monitoramento. Este é composto por uma equipe de policiais reformados e policiais da ativa prontos para atender com precisão ao chamado do 190, principalmente, nos momentos de tensão social em que a mídia se faz responsável pela divulgação do uso da linguagem militar, pois toda ocorrência policial é feita via rádio através de códigos que são divididos em grupos, cada grupo corresponde as regiões do município, que são mapeadas e nomeadas por ordem alfabética (alfabeto fonado) e também, a uma lista de crimes que são identificados por uma ordem numérica. Durante a comunicação dos fatos, muitas vezes, a imprensa se ocupa desses códigos a fim de direcionar suas equipes para o local em busca de um furo de reportagem.

Código de Ocorrência

Códigos
001 – Crimes
Grupo 100 ..... Grupo 300
111- Homicídio ..... 311 – Estupro
112- Tentativa de Homicídio ..... 312 – Atentado ao Pudor
113- Aborto ..... 321 – Sedução
120- Lesões Corporais ..... 330 – Rapto
131- Omissões de Socorro ..... 341 – Prostituição
132 – Maus Tratos ..... 342 – Rufianismo

5. A morfologia do código das celas

> Além de testemunhar a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas do conhecimento. (CARVALHO, 1987, p. 9

No estudo do léxico, a morfologia é a parte da gramática que melhor explica a evolução da linguagem. Morfologia é o tratado das formas que tomam as palavras para constituir a linguagem. A morfologia considera as palavras sob a relação de forma; constituindo grandes grupos de ideias que compõem o pensamento, como entidades fônicas que se modificam individualmente para representar cada ideia em particular, como se originando uma das outras. (RIBEIRO, *Grammática Portugueza*, p. 61).

Julio Ribeiro divide o estudo sobre morfologia em três partes, a saber:

1. Taxonomia – estuda a distribuição das palavras em grupos de ideias que compõe o pensamento e divide as palavras em categorias. Essa categoria compreende aos grupos de Substantivo, Adjetivo, Pronome, Verbo, Advérbio, Preposição e Conjunção;

2. Kampenomia ou ptoseonomia- conjunto das leis que presidem a flexão e distinguem os vocábulos variáveis em dois elementos principais: o Tema e as Terminações.

3. Etimologia – conjunto das leis que presidem a derivação das palavras nas línguas. Portanto, é a ela que vamos nos ater como principal base para o estudo sobre Neologismo, pois trata a língua, na condição de um organismo sociológico, sujeita à grande lei da luta pela existência, à lei da seleção e evolução do léxico.

A evolução da linguagem implica a seleção dos fatos que ocorrem nas espécies e nas línguas. Julio Ribeiro classificou essa seleção da seguinte forma:

Seleção

Nas Espécies	**Nas Línguas**
As espécies têm suas variedades, obras do meio ou de causas fisiológicas;	As línguas têm seus dialetos obras do meio ou dos costumes;
As espécies vivas descendem geralmente das espécies mortas do mesmo pai.	As línguas vivas descendem geralmente das línguas mortas do mesmo país;
Uma espécie em um país isolado passa por menos variações;	Uma língua em um país isolado passa por menos variações;
Variações produzidas pelo cruzamento com espécies distintas ou estrangeiras;	Variações introduzidas pela introduções de palavras novas, vinculadas as relações exteriores, às ciências, às indústrias.
A superioridade das qualidades físicas que asseguram a vitória dos indivíduos de uma espécie causa da seleção;	O gênio literário e a instrução pública centralizada, influem na seleção;
A beleza da plumagem ou a melo- dia do canto, indica critérios para a causa da seleção;	A brevidade ou a eufonia precede da seleção;
	Lacunas numerosas, nas línguas extintas;
Lacunas numerosas, nas espécies extintas;	Probabilidade de duração de uma língua, em o número de indivíduos a falam;
Probabilidade de duração de uma espécie em um número de indivíduos que as	As línguas extintas não reaparecem mais;

compõem. As espécies extintas não reaparecem mais; Progresso nas espécies se registra pela divisão do trabalho fisiológico.	Progresso nas línguas se apontam pela divisão do trabalho intelectual.

Classificação Genealógica

Nas Espécies	Nas Línguas
Constância de estrutura; órgão da alta importância fisiológica; órgão de importância variada;	Consistências de estruturas, radicais de alta importância; flexões de importâncias variadas;
Vestígios de estrutura primordial: órgãos rudimentares ou atrofiados: estrutura embrionária;	Vestígios de estrutura primordial: letras rudimentares ou atrofiadas: fase embrionária;
Uniformidade de um conjunto de caracteres;	Uniformidade de um conjunto de caracteres;
Cadeia de afinidades nas espécies vivas ou extintas.	Cadeia de afinidades nas línguas vivas ou extintas.

(RIBEIRO, *Grammática Portugueza*, 136-137)

As palavras da língua portuguesa, em sua maioria, derivam de:

1- palavras da língua latina considerada mãe;

2- de outras palavras da mesma língua portuguesa, de língua estrangeiras antigas e modernas.

A língua portuguesa permite que a produção de novos vocábulos ocorra a partir de fatores estruturais de ordem transposicionais, como a derivação e a composição. Vale citar ainda o bloqueio que regula não só a criação de um novo vocábulo, mas também o surgimento de novos significados para as palavras cujos radicais se encontram existentes na língua. O bloqueio que é baseado no processo de economia linguística dá suporte à possibilidade de coexistirem substantivos abstratos derivados de um mesmo verbo ou substantivo como coroação / coroamento; competição/ competência; sargento / sargentiante / sargentiação; jantar / janta; motociclista / motoqueiro;

patrulha / patrulheiro; prover / aprovionador; despensa / despenseiro; *zero killer* / ok; cooperar / corporação.

O gramático José Carlos de Azeredo, em seu livro *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, afirma que o processo de neologia compreende a formação vernácula e os empréstimos a outras línguas, os estrangeirismos. São criações vernáculas os substantivos mensalão (suposta propina paga mensalmente a políticos), o verbo disponibilizar (tornar disponível); são empréstimos a outras línguas *fast- food* (inglês); tsunami (japonês) e talibã (árabe).

As criações vernáculas podem ser morfológicas ou semânticas. Os estrangeirismos são, em sua esmagadora maioria, unidades formais sujeitas a variados processos de incorporação. O primeiro fator a ser considerado é o sistema gráfico empregado na língua de origem. Se o sistema gráfico da língua doadora é igual ao português, é comum que a palavra ou expressão conserve a expressão gráfica de origem: mouse */ mise- en-scene*. Às vezes, consagra-se uma adaptação gráfica que reflete a absorção da palavra estrangeira pelo sistema fonológico do português: copir – raite *(ing.copyright*); musse (*fr. mousse*); becape (*ing.back-up*). (Azeredo, 2008:399 e seg.).

6. Processos fundamentais de formação do léxico

6.1. Criações Vernáculas

a- criações vernáculas, formais, semânticas (ou neologismos morfológicos): são observadas as regras produtivas de formação de palavras: bota – fora (advogado); brincar demais (facilitar de mais/ dar bobeira); capa – preta (juiz); Chico doce (pedaço de madeira utilizado para dar surras); colar o brinco (dar tapa na orelha); come – quieto (homossexual que mantêm relações sexuais); borracha grande (ônibus); como o meu era nenhum (como não tinha dinheiro...); da atividade (olheiro); dar mala (dispensar); dar um boi (liberar / perdoar / soltar); dar um guento (roubar); duque- catorze (aquele que violenta homens); duque- treze (estrupro); barriga bem morta (cerveja bem gelada); ele virou logo América (ficou vermelho como sangue); dar a dica (cortejar uma mulher); fazer de arma (assaltar); fechar o palito (matar); ficar na fé (adeus/ até logo); frio de camburão (ladrão conhecido pela policia); ir para o plano (ser torturado); no fim do carretel (no fim da linha / no ponto final); pela ordem (tudo bem / tudo ok); psicopata (tarado sexual); pular a fogueira (assaltar); quebrar a perna (prometer algo e não cumprir); treme- treme (motel); vai rodar (vai morrer); xis- nove (informante); abastecer a caveira (beber uma bebida / uma cachaça).

b- criações vernáculas semânticas (ou neologismos semânticos): laranja (pessoa que assume a culpa no lugar do outro); secar (causar má sorte, azarar); curtição (prazer); avião [Zinho] (quem repassa as drogas, vende ou transporta); barca (viatura – as maiores como as blazer); berro (revolver); bomba (uso do celular dentro dos presídios); bonde (carro que transfere os presos); braço (pessoa de confiança); brinquedo (arma); cabrito (veículo adulterado / detento que é obrigado a manter relações sexuais com outros presos); cano (revólver); casinha (emboscada); cimento (cocaína); colar (aproximar-se de uma mulher); comarca (cama); coruja (observador / espia); doze (traficante); estoque (arma improvisada); fazer (matar); feinha (esposa); ferro (arma curta); fissura (desejo incontrolável); fita (qualquer atividade "estou na fita"); funcionário (integrante da quadrilha); ganso (informante da polícia); grampo (algemas); jacaré (quem assalta os próprios companheiros de cela); macaca (metralhadora); parada (fazer um assalto); passarinho (informante); perdigão (preso que trabalha como guarda); perereca (fogão artesanal para esquentar comida); pino (fuga); porco (guarda da cadeia); preto (maconha); presunto (defunto); pular (assaltar / furtar); tatu (túnel de fuga); Tereza (corda feita de lençol); tranca (castigo / isolamento); zebra (dar errado); vazar (fugir); vaca (sirene).

6.2. Estrangeirismos

a- Xenismos - permitem que o estrangeirismo mantenha ou conserve, na formação de novos vocábulos, a forma gráfica da palavra de origem: *mause* (acessório manual para guiar o cursor na tela do computador); *Carpaccio* (carne bovina, peixes, berinjela servidos em fatias finíssimas temperadas com limão e azeite); *rack* (móvel para acomodar aparelhagem de som); *paper* (ensaio ou artigo da autoria de um especialista para apresentação / circulação e debate em fóruns científicos); *drive - in* (sistema de atendimento em estabelecimentos comerciais pelo qual o freguês / cliente é servido no próprio carro); *coiffeur* (cabeleireiro);

b- Adaptações – neste caso, o estrangeirismo se submete á morfologia do português: checar (apurar a verdade, conferir, do *ing. check*); randômico (aleatório, fortuito, do ing. *(at) radom*); inicializar (dar inicio a, por influência do *ing. initialize*); banda (do *ing. Band*, no sentido de conjunto instrumental).

c- Decalques – ocorre uma tradução literal do estrangeirismo: alta costura *(fr. haute-coutere*); centro-avante (termo do futebol, equivalente ao ing. *center- foward*); fim de jogo (*over game*); força / energia (*power*); ligado / desligado (*on / off*).

d- Acrônimos – são estrangeirismo em que se empregam as iniciais das palavras constitutivas da expressão estrangeiras: PC *(personal computer*); CD (*compact disk*); RSVP *(répondez s´il vous plaît*, responda, por favor).

e- Siglas – espécie de abreviatura formada de iniciais ou primeiras silabas das palavras que constituem a denominação de uma entidade (ONU: Organização das Nações Unidas; FUNAI: Fundação Nacional do Índio). Letra inicial empregada como abreviatura nos manuscritos, medalhas e monumentos antigos; monogramas. (ROCHA, 2001).

Vejam-se outros exemplos: API (ação penal pública incondicionada); APV (ação penal privada); BOL.PM (boletim da policia militar); CFC (curso de formação de cabos); CFOMES (curso de formação de motociclistas de escolta de segurança); CH (chefe); CMT (comandante); CMT INT (comandante interino); CPJ (comissão permanente justificação); CPP (código processual penal); CPS (centro de recrutamento de seleção de praças); DAS (diretoria de assistência social); DIP (diretória de inativos e pensionistas); FUSPOM (fundo de saúde da policia militar); GAFPMF (grupo de apoio à família do policial militar falecido); IPM (inquérito policial militar); JISR (junta de inspeção de saúde de recursos); LTC (licença de tratamento de saúde); NI (nota instrução); OPM (operação da polícia militar); PB (ponto base); POO (operação de policiamento em ônibus); PPDC (programa de prevenção de desvio de conduta); RUNB (reserva única de material bélico); SAE (escala de supervisão de alto escalão); SDD PM (soldado da polícia militar); SI (seção de identificação); TRO (talão de registro de ocorrência); UOP (unidade operação policial); UPS (unidade de pronto socorro).

7. O surgimento dos códigos de linguagem

A língua latina, transformando-se, produziu sete línguas chamadas neo- latinas ou românicas – o Português, o Espanhol, o Francês, o Provençal, o Italiano, o Ladino e o Romeno. Os estudos comparativos das línguas românicas nos levaram ao conhecimento em glotologia, das Leis Glóticas que presidiram a evolução do Latim. No estado atual da ciência fisiológica é - com ressalva da complexidade- impossível assinalar todas as causas que produziram tais leis, até porque também não se podem usar provas da existência de causa, visto que o único possível preenchimento do vazio pelos pontos cegos da ciência, da sua plena anterioridade, do seu estagio anterior é Deus, na compreensão da sua semelhança, o ser humano.

As Leis Glóticas, consideradas como principio biológico, que conjuntamente com a influência do meio, aliada ao pendor que tem o homem, assim como todo animal, produz a contração dos sons vocálicos e a permutação dos obstáculos as consoantes denominadas principio da mínima ação ou da composição e associação das mínimas constituintes imediatas linguistas, isto é, de menor esforço a fazer no ato da pronúncia, essa tendência que ocorre na pronúncia; dos países intertropicais permitiu as línguas europeias adocicar e corromper certas partes da America. Esta afirmação encontra bases bastante sustentáveis na célebre “Lei de Grimm”, que classificou o alfabeto primitivo de nossos idiomas, comportando somente as alterantes - k, g, gh; t, d, dh; p, b, bh; n, m; r, l; j, v; s; segue-se que:

as- sonoras, surdas, aspiradas, - Originais

são- surdas, aspiradas, sonoras, - em Gótico

e- aspiradas, sonoras, surdas, - em Alto Alemão

A corporação militar também possui seu próprio alfabeto, cujo diálogo é baseado no sistema de siglas para a comunicação de palavras diferentes ou complicadas, a fim de evitarem-se erros. O alfabeto fonado não é aleatório, mas de natureza universal e composto por uma regra de palavras, na qual cada letra inicial corresponde a uma sigla que resultará numa informação completa. O alfabeto fonado é utilizado da seguinte maneira: substitui-se a letra pela palavra, exemplo no lugar de falar A, fala-se Alfa.

Digamos que o sobrenome de um turista seja difícil de escrever; é nessa hora que você usa o alfabeto para soletrar à outra pessoa o sobrenome complicado:

Sr. *Hoffmann*; soletrando, seria:

Hotel / Oscar / Fox / Fox / Mike / Alfa / November / November

Quem usa o alfabeto fonético: Hotéis, agências de viagem, companhias aéreas, polícia militar, rádio amadores, pilotos de avião, marinha, exército, força aérea, taxistas, turistas experientes, e outros setores institucionais regulamentadas e cadastradas publicamente.

Em todos os filmes militares ou policiais ouvimos aquela linguagem estranha: Alfa, Bravo, Charlie,...

Resolvi pesquisar e descobri não apenas um alfabeto, mas vários tipos usados no mundo inteiro: papa maique / charlie bravo = PM (policial militar) CB (cabo).

Maique (pronuncia-se "maique") significa a letra M no alfabeto fonético internacional, e Charlie significa a letra C. Este alfabeto é muito usado em forças militares, polícias e na aviação, por exemplo. Por isso costuma-se abreviar para papa maique (PM) e papa charlie (Polícia Civil -PC).

O alfabeto fonético é assim:

A - *alfa*	J - *juliet*	S - *sierra*
B - *bravo*	K - *kilo*	T - *tango*
C - *charlie*	L - *lima*	U - *uniform*
D - *delta*	M - *mike*	V - *victor*
E - *echo*	N - *november*	W - *whiskey*
F - *foxtrot*	O - *oscar*	X - *xray*
G - *golf*	P - *papa*	Y - *yankee*
H - *hotel*	Q – *quebec*	Z - *zulu*
I - *india*	R - *romeo*	

Diferentemente da comunicação militar formada por siglas através do alfabeto fonado, boa parte das gírias carcerárias tem um processo com o uso da metaforização; a partir de um elemento A, transmite-se a carga semântica para B. "Beca", inicialmente usada para designar "calça", passa a referir-se à "bunda". Vários são os exemplos desse processo, mas destacam-se as drogas como a maconha (boa – de boa qualidade / bagulho – de qualidade ruim, mas que pode também significar apenas droga por esvaziamento de sentido). Quando a droga já vem em formato de cigarro, é chamada de "beque", "fino", "haxixe", "lasca", "pepita", "tarugo", "tablete", "tijolo", e outros nomes e substantivos.

Os processos metafóricos podem ocorrer por meio da zoomorfização como "mico", de pagar mico; "águia", como político, antropomorfização e pela retificação, como, por exemplo, a construção do vocábulo "branca", uma analogia simples e direta com a cocaínaao lado de "brizola" – porque , na década de 80, o então governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, envolveu-se num grande escândalo, quando sua filha foi presa por porte ilegal dessa droga.

Há também as analogias que estabelecem relação entre a sensação e o causador da sensação: "dar um tapa na cara" é puxar um "baseado", ou seja, fumar maconha. A comparação está entre o estado que o individuo ficaria após o tapa no rosto e o efeito da droga. Outro processo que merece atenção é o de transposição de número para pessoa em que ocorre o empréstimo do artigo do Código Penal referente ao crime do presidiário que passa a ser atribuído à pessoa que cometeu tal delito: o "doze" é um recurso para identificar o traficante, preso com base no artigo 12 do Código. Assim ocorre com o

famoso “um sete um”: artigo 171, que classifica o crime de estelionato.

Diga-se que ao bom nível da epistemologia, não é qualquer teoria da ciência que estimula e aceita construções, expressões de pensamento, ainda mais mostras de relatórios estendidas de analogia ou de metáfora. A pregação da interdisciplinaridade afunda, ao se religarem as conexões do código ciclo tópicos dentro de protocolos contextualizados e empiricamente comprovados. E a divulgação dos méritos de transdisciplinaridade tem princípios pretensões de validade democráticas de justa e lógica interação circunstancializadas a se unirem em teses sem se usurparem ou suprimirem as diferenças individuais das fontes de criação: o princípio da questão se respalda no pressuposto ou no sentimento de dever democrático, ético, cujas fontes não inventadas, se definem em dois sentimentos iniciais: o de responsabilidade e o de responsabilidade; e o espaço público das exequibilidades sempre goza de prerrogativas consensuais sobre o espaço particular ou isolados. O exemplo priotário, se destaca no momento, está no sistema de distribuição de armamentos e de ferramentas de guerra, a bomba atômica que diz respeito a toda humanidade, bem como ao sistema ecológico, advindo da ecologia do espírito e da linguagem.

8. Um pouco de doutrina

> Como diz a canção do Policial Militar:
> Ser policial é, sobretudo uma razão de ser...
> Razão de ser de uma vida
> De uma instituição a qual pouco existe igual...
> (Canção da Policia Militar)

Ser membro da corporação militar é ter a experiência de vida dedicada ao exercício ininterrupto da profissão, que é promoção do bem-estar de modo a conferi ao cidadão o direito de viver a felicidade, valor fundamental a ser garantido pelo Estado prestador de serviço, que efetivamente cumpre sua função – síntese de promover a ordem publica como garantia basilar e insubstituível do progresso.

Assim a polícia civil e militar tem como pré-requisito a organização e a ordem que pode ser observadas no organograma abaixo, cuja função é demonstrar as atividades que serão desempenhadas no

exercício da função militar, tais como o setor (companhias) onde os militares são direcionados (locados para o trabalho), as ocorrências diárias são lavradas em livros, cuja classificação é feita através do sistema de siglas e são informadas via rádio patrulha, na qual os membros do grupo se fazem entender por meio (alfabeto fonado e da ordem numérica).

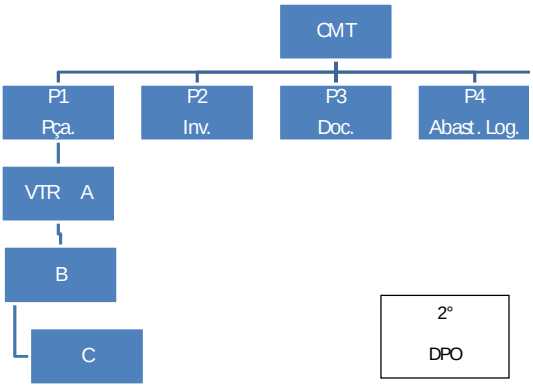
A ordem numérica não é universal, apesar de ser sempre transmitida de forma ordinal. Ex.: DPO–15/01

DPO (Departamento Policial)

15 (décimo quinto)

01 (primeiro distrito)

Divisão das Companhias dentro do distrito de Duque de Caxias:



CMT= comandante
Prç= praça – documento burocrático interno
DOC.= documento burocrático externo
ABAST. LOG.= abastecimento e logística
B = bravo (batalhão)
DPO= (departamento policial)
REL. PUBL= assuntos relacionados a eventos militares e publicidades

P1;... P5= polícia
INV= investigação
VTR = viatura
A = alfa
C = charles (cabine)

9. ***Conclusão***

Em geral, a população que vive à margem do cotidiano militar e dos grupos marginalizados tende a criticar o nível do e da linguagem utilizado por esses grupos, observando essa linguagem variante como uma transgressão à norma culta, porém, o uso do neologismo não é bom nem mau, ele faz parte do jogo. Sempre que uma língua indica necessidade, ela apresenta a criação de palavras, copiadas, ou adaptadas. A gíria dexoria ou qualquer outra está ligada a algo que tem a ver com autonomia, com submissão, no caminho oposto. O código militar tem por objetivo preservar a segurança e a privacidade da informação.

Para que a comunicação se impunha, sem a presença de ruídos ou outros fatores que comprometam a clareza da mensagem, é preciso restringir o código entre os membros do grupo. A comunicação mantém o domínio, permite que a pessoa que está no comando do grupo sinta a necessidade de se fazer entender e conquistar o respeito da massa que coordena: isso só é possível através da interação. O sucesso das operações táticas desses grupos depende unicamente do sigilo da mensagem, assim como do direcionamento das equipes; o elemento chamado surpresa "sigilo total da informação" é que assegurará o êxito desde o planejamento até a conquista ou captura do alvo. Portanto, não podemos julgar que só alguns grupos sabem usar a língua, e que os outros povos são ineptos, ou burros, ou algo determinado pelo estilo.

Tal atitude se embute como censura sob o uso dos neologismos. É como se a gente tacitamente aceitasse a ideia de que os especiais falantes – ouvintes podem usar palavras como queiram, porque têm autoridade, especialmente os mais conservadores. Estes dão aos desinformados a impressão de que sabem mais a língua do que os demais; e os incomunicáveis têm que se cuidar.

Seria imprudente que desses incomunicáveis queiram inventar palavras. O povo tem todo o direito do mundo de inventar o que quiser, incluindo as palavras. Se elas funcionarem, entrarão na corrente sanguínea da cultura, e, se não, com o tempo, cairão em desuso: serão arcaísmos precoces.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. I. *Neologismo.* São Paulo: Ática, 1990.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* São Paulo: Publifolha, 2008.

BRAZ, S. L. Recepção linguística: O caso dos neologismos lexicais. In: *Mário Barreto – gramática e léxico, VIII*, p. 192-199, 2004.

CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática.* Petrópolis: Vozes. 1981

CARDOSO, W. *Português através de textos.* Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

CARVALHO, N. *Empréstimos linguístico.* São Paulo: Ática. 1989.

CASTELAR, D. C. *Para compreender Saussure.* Petrópolis: Vozes. 2003.

CASTELLIANO, T. R. **"**Falcão" – meninos do tráfico: o sujeito socialmente desprestigiado em práticas discursivas prestigiadas. In: SILVA, José Pereira da. (Org.). *Cadernos do CNLF*, Vol. XIII, Nº 04. Anais do XIII CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009, p. 2011-2021. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/falcao_meninos_do_trafico_o_sujeito_tania_regina.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2010.

CLEMENTE, C. P. Comunicação militar e a mídia. (E. CLEMENTE, Entrevistador) Duque de Caxias: PMERJ, 29-05-12 de 05 de 2010.

FERREIRA, A. B. *Novo Aurélio. O dicionário da língua portuguesa. século XXI.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIRA, C. P. (02-08-15-22 de 05 de 2010). Alfabeto Fonado - O Código Militar. (E. CLEMENTE, Entrevistador). São Paulo: Teixeira & Irmão.

FREITAS, P. J. *Dicionário de sinônimos e antônimos para o ensino do 1º e grau.* Rio de Janeiro: Universo, 1971.

GOMES, S. M. (09 - 16 de 06 de 2010). O processo de formação do cidadão comum em um profissional militar e como acontece a absor-

ção do linguajar militar por parte do aluno. (E. CLEMENTE, Entrevistador)

MATTOSO, L. M. *Rumos da linguística*. Petrópolis: Vozes. 1978.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. *Revista Brasileira de Educação*. jan.-mar./2001, nº 16. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2001.

OLIVEIRA, C. P. P. M. E. R. J – Estado Maior Geral. In: C. P. OLIVEIRA, *Coletânea de legislação - Embasamentos relativos a procedimentos policiais militares* (p. 25-30). Niterói: Imprensa Oficial. 2000.

QUINTAL, J. Policia completa. In: QUINTAL, J. *Proposta de emenda constitucional Nº 181/2003* (p. 5-32). Brasília: Senado Federal - Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2004

RIBEIRO, J. *Gramatica Portuguesa.* São Paulo: Teixeira & Irmão, 1940.

RIBEIRO, S. N. O léxico em movimento: Comentários sobre neologia e neologismo. *Mário Barreto – gramática e léxico, VIII* (13), p. 171-176, 2004.

ROCHA, R. *Minicionário.* São Paulo: Scipione, 2001

SEGURA, L. R. Fita Sinistra. (I. Ribeiro, Ed.). *Discubrindo a líingua portuguesa, 2* (7), 34-41,2008.